

interna e um nível satisfatório de vida, era obrigado a se desfazer periódicamente de um excesso de população, que encontrava ocupação e razão de ser na diversificação de tarefas existente no Império. A conquista espanhola não modificou este estado de coisas. A necessidade de mão-de-obra para trabalhar nas plantações e nas minas arruinou, é verdade, os *ayllu* menos isolados e de mais fácil acesso; os outros puderam se conservar equilibrados, pois as razias que de tempos em tempos efetuavam os espanhóis nas montanhas, — onde não podiam se estabelecer por muito tempo devido às condições geográficas, — podavam os excessos de gente que poriam em perigo o bom funcionamento do sistema.

A situação atual, porém, levou os *ayllu* a uma degradação de seu nível de vida. As lutas e os sofrimentos que experimentaram, tornaram estas comunidades impermeáveis ao que vem de fora; fecharam-se em seu isolamento, ignorando deliberadamente tudo o que se passa fora do seu âmbito. Porém, o precário equilíbrio que era possível manter entre produção e consumo rompe-se muito facilmente, seja pelo aumento demográfico, seja por outras causas, e a solução dada é uma restrição maior do consumo; a satisfação das necessidades sofre uma diminuição, a alimentação empobrece. Embora concomitantemente se tenha desenvolvido uma idealização da pobreza como constituindo a virtude primeira, as restrições sucessivas encontram um limite, alcançado o qual começam os êxodos forçados para as cidades. Mas estas não são industrializadas; não há possibilidade de absorção de toda esta mão-de-obra. A população indígena forma favelas e mocambos na periferia das mesmas, vivendo de expedientes; a comparação de sua miséria com o luxo da meia-dúzia de famílias que formam a classe privilegiada ainda não atingiu a consciência da massa, porém cada dia que passa torna mais próximo esse instante.

Como se vê, o trabalho de Alfred Métraux sugere um sem-número de pesquisas a serem feitas, ligadas tanto aos problemas atuais, quanto à comparação entre formas antigas e novas de organização sócio-econômica, e à sobrevivência de traços nativos. Não citamos aqui aspectos religiosos, estéticos e outros que figuram no livro, e que chamam a atenção para questões dizendo respeito à aculturação, ao sincretismo, ao revivalismo, extremamente variadas e ricas em possibilidades de investigação. Alfred Métraux escrevera este livrinho para o grande público; o etnólogo e o sociólogo, todavia, encontram quase que em cada página inspirações para novos trabalhos, hipóteses interessantes que devem ser testadas por pesquisas de campo associadas a pesquisas históricas. Assim se esclareceriam pontos obscuros da passada civilização Inca; assim se alcançaria um conhecimento da realidade atual que permitisse o planejamento de reformas para melhorar as condições de vida da massa; assim seria promovido um avanço das teorias etnológicas, que muitos dos trabalhos viriam sem dúvida aclarar, infirmar, ou robustecer.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

RAOUL D'HARCOURT: *Textiles of Ancient Peru and their Techniques*. Editado por Grace G. Denny e Carolyn M. Osborne. Traduzido por Sadie Brown. XVII + 186 págs., 124 pranchas (7 em cores), 104 figs. no texto. University of Washington Press. Seattle, 1962. (Preço: US\$ 22.50).

O autor desta obra clássica é um incansável investigador da arte e da tecnologia indígenas, particularmente dos países andinos, e reconhecido como um dos mais competentes estudiosos da técnica têxtil dos antigos peruanos. Publicado originalmente em francês ("Les textiles anciens du Pérou et leurs techniques", Paris, 1934), numa edição de apenas seiscientos exemplares, o livro constituía de há muito uma raridade bas-

tante procurada por especialistas e amadores. Em 1960 a revista dos Laboratórios Ciba reproduziu grande parte do texto e das ilustrações, tornando o trabalho acessível a um número maior de interessados. De 1934 para cá, entretanto, o autor havia aprofundado constantemente as suas pesquisas, de modo que uma edição atualizada era, se não necessária, pelo menos desejável. Nesta se incluíram elementos novos, até agora esparsos numa série de artigos, especialmente no "Journal de la Société des Américanistes", de Paris.

D'Harcourt escolheu para o seu estudo peças provenientes da costa peruana, de Lima para o sul, por ser a arqueologia dessa área mais conhecida e porque aí o número de técnicas oferece maior variedade. As condições favoráveis do clima sêco da região central e meridional da faixa costeira do Peru, aliadas à circunstância de os tecidos terem sido postos em sepulturas, tornaram possível a conservação destes pelos milênios afora. O material analisado provém em sua grande maioria dos sítios de Nazca, Ica, Paracas, Cajamarquilla, Ancón e Pachacamac.

Com muita prudência, o autor se abstém de toda especulação sobre a idade dos tecidos que estuda. Limita-se a dizer, em primeiro lugar, que não há nesses espécimes quaisquer características que permitam atribuí-los ao período incaico, devendo, pois, ser anteriores; em segundo, que a grande diversificação e perfeição das técnicas pode ter-se desenvolvido somente no decorrer de muitos séculos. Admite a possibilidade de se chegar a resultados aceitáveis através das classificações, propostas por alguns autores, em termos de cronologia relativa das técnicas pela comparação dos respectivos padrões decorativos com a sua ocorrência na cerâmica de determinados estratos. Recusa-se, por outro lado, a aceitar, por demasiado hipotéticas, as datas fixas que se têm procurado estabelecer para os diferentes períodos. E o método de datação pelo carbono radioativo lhe parece ainda muito precário para garantir resultados seguros. Lembra, ademais, que, segundo estudos de Kroeber, as técnicas têxteis do início da era cristã não teriam, quanto à variedade e perfeição, ficado muito atrás das que se empregavam em época pouco anterior à chegada dos Incas ao litoral, por volta do século XIV.

A minuciosa descrição das técnicas e a respectiva análise de todos os tipos de urdiduras, a que d'Harcourt se restringe deliberada e rigorosamente, é feita de maneira completa, com extraordinária perícia e admirável precisão. O volume é, assim, um instrumento de trabalho indispensável para estudos comparativos e para a discussão de múltiplos problemas de desenvolvimento cultural, que ficarão a cargo dos que se considerem aptos a empreender a tarefa.

O que de mais importante resulta da obra em seu conjunto é a grande diversificação das técnicas (todas relativamente simples) da tecelagem pré-incaica. Pode-se talvez dizer que foi aí que a tecnologia ameríndia alcançou a maior riqueza de soluções, engenhosamente postas a serviço de uma produção artística de alto nível, de uma arte que a muitos impressiona menos do que, por exemplo, a das construções monumentais da América Central, mas que, não obstante, testemunha notável senso estético e um poder de expressão dos mais vigorosos.

A tradução, feita conscienciosamente e sob a orientação de especialistas no assunto, merece toda confiança. A apresentação gráfica é excelente. Tanto as pranchas fotográficas como os desenhos a traço, muito nítidos e profusamente espalhados pelo texto, constituem complemento indispensável à descrição. É pena que sejam tão poucas as pranchas coloridas; em número maior, ajudariam bastante a justa apreciação da técnica da tecelagem em sua relação com o valor simbólico e artístico das produções.

*Egon Schaden*